

## Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas

Monica Martinez<sup>1</sup>  
Vanessa Heidemann<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho traça um paralelo entre os conceitos de afeto e vínculo com as narrativas do Jornalismo Literário. Por meio da revisão de literatura contextualizamos afeto e vínculo tomando como referencial teórico a obra de pesquisadores brasileiros da área da Comunicação, como Jorge Miklos, José Eugênio de Oliveira Menezes, Malena Contrera, Monica Martinez, Muniz Sodré e Norval Baitello Junior, entre outros. Buscamos, ainda, as definições dos conceitos por um viés interdisciplinar que engloba a Sociologia e a Antropologia, com Edgar Morin; a Etologia, com Boris Cyrulnik e Frans de Waal; a Filosofia, com Baruch Spinoza, Giordano Bruno e Martin Buber; e a Psicologia Analítica, com Carl Gustav Jung e Verena Kast. Para contextualizar o Jornalismo Literário recorreremos principalmente aos pesquisadores John Bak e Monica Martinez. Compreendemos que os afetos e os vínculos são bases essenciais do Jornalismo Literário, uma vez que a humanização é um elemento importante desta modalidade narrativa. Nesse aspecto, o Jornalismo Literário representa um convite para o leitor ir ao encontro tanto do outro (tu) quanto dele mesmo (eu). Este encontro permitiria apreender as experiências da vida para aprender com elas a complexidade do mundo que nos cerca.

**Palavras-chave:** Comunicação; Narrativas; Jornalismo Literário.

**Abstract:** This work draws a parallel between the concepts of affection and bond with the narratives of Literary Journalism. Through the literature review we contextualize affection and bonding, taking as theoretical reference the work of Brazilian researchers in the field of Communication, such as Jorge Miklos, José Eugênio de Oliveira Menezes, Malena Contrera, Monica Martinez, Muniz Sodré e Norval Baitello Junior, among others. We also seek the definitions of concepts through an interdisciplinary bias that encompasses Sociology and Anthropology, with Edgar Morin; Ethology, with Boris Cyrulnik and Frans de Waal; and Philosophy, with Baruch Spinoza, Giordano Bruno and Martin Buber, and Analytical Psychology, with Carl Gustav Jung and Verena Kast. In order to contextualize Literary Journalism, we use the methodological approaches of John Bak and Monica Martinez. We understand that affections and bonds are essential bases of Literary Journalism, since humanization is an important element of this narrative modality. In this aspect, Literary Journalism represents an invitation for the reader to meet both the other (you) and himself (I). This meeting would allow us to learn the experiences of life to learn from them the complexity of the world around us.

**Keywords:** Communication; Narratives; Literary Journalism.

1 Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), pós-doutorado em Narrativas Digitais pela Universidade Metodista de São Paulo (PPGCOM/Umesp). Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC/Uniso). E-mail: monica.martinez@prof.uniso.br

2 Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (PPGCC/Uniso) e graduada em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: vanessa\_heidemann@hotmail.com

## Introdução

Um dia Israel se aproximou de um menino. De nove anos, chamado Lucas. Olhos de amêndoa, rosto de esconderijo. Bom de bola. Bom de rua. De tanto gostar do menino que lhe sorriu, Israel o seguiu até a escola. Até a porta onde Lucas desaparecia todas as tardes, tragado sabe-se lá por qual magia. Até a porta onde as crianças recebiam cucas e leite. Israel chegou até lá por fome. De comida, de afago, de lápis de cor. Fome de olhar.

Eliane Brum

Vínculo deriva da palavra latina *vinculume* significa laço, liame, algemas, prisão. Com o decorrer do tempo a noção ganhou uma conotação ampla e abstrata, passando a ser compreendida como ligação, elo, relação (BAITELLO JUNIOR, 2009). Afeto é muitas vezes associado às afeições, ou seja, aos sentimentos de amor, carinho, bondade e assim por diante. Ao pesquisarmos o termo nos deparamos com a definição filosófica de Baruch Spinoza (2017), que define afeto como as afecções que passam pelo nosso corpo. Afecções são os estímulos sensoriais que podem se transformar tanto em tristeza, raiva e ódio quanto em alegria e amor.

Propomos neste trabalho traçar um paralelo entre as noções de afeto e vínculo às narrativas do Jornalismo Literário. Por meio da revisão de literatura recorreremos aos conceitos desenvolvidos por pesquisadores da Comunicação no Brasil, como Jorge Miklos, José Eugênio de Oliveira Menezes, Malena Contrera, Monica Martinez, Muniz Sodr e e Norval Baitello Junior, entre outros. Compreendendo a complexidade de abordar essas noções, recorreremos igualmente às definições encontradas nas áreas da Sociologia, Antropologia, Etologia e Filosofia.

Abordamos o Jornalismo Literário pela ótica do pesquisador franco-estadunidense John Bake da pesquisadora brasileira Monica Martinez. Não buscamos desenvolver uma discussão em torno das diferentes nomenclaturas relacionadas ao Jornalismo Literário. Nosso interesse restringe-se em observar de que maneira esta modalidade narrativa carrega em si a complexidade dos sentimentos humanos, o que pode afetar o leitor e promover o vínculo perante o encontro com as experiências do outro.

## Noções de afeto e vínculo no campo da Comunicação

Falar de afeto e vínculo é, sobretudo, apontar diretamente para as relações

humanas que se caracterizam pelos encontros e desencontros que a vida proporciona.

No âmbito dos diversos campos do saber observamos que distintas áreas se debruçam sobre a temática, dentre elas a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Etologia e a Filosofia.

Da perspectiva do Jornalismo encontramos pesquisas como a de Marie Vanooost (2018), que evidencia que a aderência pelo texto jornalístico se dá pelo fato de que o leitor possui empatia pelo texto. Em *Emotions de journalistes: sel et sens du métier* (2017), de Denis Ruellan e Florence Le Cam, apontam que os jornalistas desenvolvem relações afetivas ao desenvolver a profissão.

Um levantamento recente (MARTINEZ; HEIDEMANN; GAPY, 2018) sobre o uso da noção do afeto em pesquisas da área da Comunicação e do Jornalismo no Brasil apontou que quando se trata de contextualizar o termo os pesquisadores adotam uma perspectiva interdisciplinar, sendo a Filosofia recorrente devido ao conceito desenvolvido por Baruch Spinoza.

No Brasil, pesquisadores da área da Comunicação como Jorge Miklos, José Eugênio de Oliveira Menezes, Malena Contrera, Monica Martinez, Muniz Sodré e Norval Baitello Junior, entre outros, desenvolvem pesquisas que tangem tanto o afeto quanto o vínculo (HEIDEMANN, 2019).

Para que seja possível construir um paralelo entre as narrativas do Jornalismo Literário com afeto e vínculo compreendemos ser necessário evidenciar cada um dos termos abordados.

Partimos, portanto, do pressuposto de que todos os processos comunicacionais ocorrem por meio das mídias (pontes), possibilitando o encontro entre o eu e o outro (BAITELLO JUNIOR, 2012; CONTRERA, 2007; MIKLOS; ROCCO, 2018). Comunicar nesse sentido transcende a informação, pois “se trata de criar ambientes de vínculos e afetos” (MENEZES; MARTINEZ, 2014, p. 263).

Martin Buber(1878-1965) (1974) compreende que as relações humanas se desenvolvem a partir das relações entre o eu/tu e eu/isso, tema que foi bastante tratado na obra de Medina(MEDINA, 1990, 2003, 2014).

Os encontros verdadeiros que perpassam por toda vida, segundo o autor, acontecem perante a relação entre o eu e o tu, pois esses aspectos representam uma compreensão de si e do outro, sem a objetificação de nenhum dos lados. Desta maneira, o encontro “não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós” (BUBER, 1974, p. 19).

Buber compreende que há potencialidade para que o tu se torne isso e vice-

-versa, entretanto os encontros não são fortuitos, mas sim uma conquista que advém do esforço de cada um.

Tudo o que será representado diante do homem adulto, como objetos habituais, deve ser conquistado, solicitado pelo homem em formação num inesgotável esforço, pois coisa alguma é parte de uma experiência, nada se revela senão pela força atuante na reciprocidade do face-a-face (BUBER, 1974, p. 25).

Apesar do debate epistemológico travado entre o filósofo austríaco naturalizado israelita e o idealizador da Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung (1875-1961), no qual o primeiro partiria de uma perspectiva teológica monoteísta e o segundo de uma representação imagética antropomórfica e, portanto, simbólica (JUNG, 2018, p. 324), o fato é que já em 1906 o psiquiatra suíço defendia que a afetividade é o fundamento essencial da personalidade. “Por afetividade ele entende sentimento, sensibilidade, afeto e emoção” (KAST, 2019, p. 12). Neste sentido, há várias possibilidades e camadas de relação, seja no nível interno – por exemplo da “criança” e do hoje adulto no nível do indivíduo –, seja no nível externo – na relação social do indivíduo com os outros indivíduos e com sua comunidade, bem como deste em sua relação com o analista. O fato é que essas situações-chave que podem bloquear o processo de desenvolvimento psicológico, chamado por Jung de individuação, em geral estão associadas a episódios de relação, que podem ser tratados terapêuticamente por meio da narração, isto é, da compreensão consciente de seus conteúdos simbólicos.

O *homo sapiens* faz parte de uma rede social onde depende diretamente dos corpos e das emoções do outros, para desenvolver a própria humanidade e, a noção de comunidade (WAAL, 2010). É “um acontecimento sensorial e afetivo intenso que nos torna cúmplices daqueles que nos cativam” (WAAL, 2010, p. 95).

Por conta de sua infância prolongada o *homo sapiens* se liga à sociedade de maneira multidimensional, desenvolvendo tanto seu aspecto intelectual, quanto afetivo (MORIN, 1975).

Um recém-nascido organiza suas relações com os outros a partir de acontecimentos cotidianos de sua vida familiar. Os afetos são trocados quando das interações do bebê com seus próximos. A cultura, desde os primeiros gestos que cercam o nascimento, impõe um código comportamental que estrutura a criança (CYRULNIK, 1995, p. 12).

A coexistência surge a partir das experiências do mundo ao nosso redor, porém “o mundo mental de cada ser humano é constituído de objetos sensoriais cujo

significado depende de sua organização neurossensorial e cujo sentido varia segundo sua história pessoal” (CYRULNIK, 1995, p. 18). Assim, “o corpo produz sensações internas e se comunica com outros corpos, e é com base nisso que conseguimos construir conexões sociais e avaliar a realidade à nossa volta” (WAAL, 2010, p. 90).

É por meio do corpo que as afecções se tonam afeto possibilitando a vinculação entre o ser humano. O filósofo Baruch Spinoza, no século XVII, considera que o afeto está ligado fundamentalmente ao desejo, a alegria e a tristeza (2017). Nesse sentido, podemos compreender que afeto não significa apenas afeição, carinho ou amor, mas também significa ódio, raiva e inveja.

Para Spinoza (2017) o corpo humano pode ser afetado de maneiras distintas, um objeto pode ser a causa de muitos e conflitantes afetos, assim como a imagem futura ou passada, pode afetar da mesma forma. O filósofo aponta que quando se trata de afetos, não há para o corpo uma distinção entre o passado ou futuro, pois os afetos são manifestos sempre no presente.

A partir dos afetos tecemos as relações que nos vinculam. O vínculo é “o resultado de ações (inatas ou aprendidas) do ser vivo que o aproximam do outro ou reforçam e alimentam uma proximidade já existente” (BAITELLO JUNIOR, 2009, p. 458).

O vínculo denota a necessidade da espécie humana de estar-com (CYRULNIK, 1999; SODRÉ, 2014). Como explica Muniz Sodré (2014, p. 213), “o *com* nos vincula aos outros, entendidos não como indivíduos prontos, e sim, como exterioridades, para as quais se abre originariamente o si mesmo”.

O estar-com, portanto gera as comunidades que possuem como característica a comunhão entre os indivíduos pertencentes a determinado grupo. Nesse sentido, a comunidade   “a busca de um sentimento de destino humano comum” (CONTRERA, 2009, p. 3).

Giordano Bruno, filósofo do século XVI, defende que criar vínculos não   uma tarefa simples, pois “aquele que forma um vínculo não prende o objeto do vínculo facilmente” (BRUNO, 2012, p. 33). Para Bruno, o vínculo são   possível se houver uma disposi o para que ele ocorra, pois “nada pode ser atado por um vínculo se não está predisposto a isso” (BRUNO, 2012, p. 40).

As janelas que possibilitam a vincula o são a visão, a audi o e a mente ou imagina o (BRUNO, 2012). Entretanto, vínculos “diferentes ingressam por meio de janelas diferentes, e uns têm mais poder sobre uma pessoa e outros, sobre outra pessoa” (BRUNO, 2012, p. 62). Não há uma padroniza o referente ao vínculo, pois cada indivíduo   atado (ou não) conforme suas próprias experiências.

Edgar Morin (2014) contribui para a busca da compreensão da complexidade do ser humano quando revela que, se por um lado somos *Homo sapiens* (racionalidade/prosa), por outro também somos *Homo demens* (loucura/poesia). Talvez possamos dizer que o afeto tende mais para o *Homo demens*, pois está intrinsecamente ligado aos nossos sentidos e ao nosso corpo. O afeto chega num rompante e invade mesmo sem ser convidado. O vínculo por outro lado, parece estar mais próximo do *Homo sapiens* com a sua racionalidade, pois criar vínculo denota uma escolha, como afirmou Giordano Bruno.

Os vínculos são os encontros, as relações que nos atam. Um processo de construir e atravessar pontes/portas, um caminho que nos une e, portanto nos transforma. “Os afetos que passam pelo nosso corpo como afecções podem se transformar nos laços que nos unem, entretanto nas relações em nosso cotidiano é necessário que haja uma abertura, para que os encontros possam ocorrer” (HEIDEMANN, 2019, p. 54).

Quando nos deparamos com as narrativas de outros, sobre a vida dos outros, podemos receber um convite para atravessar as pontes/portas que nos levam tanto ao afeto como ao vínculo.

Podemos afirmar que nossa espécie é capaz de praticar a empatia (*Empfindung*), que é compreendida como o movimento de um indivíduo projetando-se no interior do outro (WAAL, 2010, p. 98).

Neste contexto, o Jornalismo Literário possui uma série de características que nos convida a olhar para o outro.

### **As narrativas do Jornalismo Literário**

Segundo Walter Benjamin (1994), a fonte dos narradores são as experiências que passam de pessoa para pessoa, permitindo ao leitor interpretar a narrativa a sua própria maneira.

O autor compreende que as narrativas transcendem a informação ou o relatório, fazendo com que a narrativa “mergulhe na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Para Benjamin as narrativas possuem uma utilidade, ou seja, são uma sugestão prática ao transmitir ensinamentos morais, provérbios e até mesmo uma norma de vida.

A partir do século XIX, o Jornalismo Literário desenvolve-se em diversos



países e, na atualidade é lido e praticado no mundo (BAK, 2011). Independente da cultura, o Jornalismo Literário narra de forma precisa e honesta sobre “o mágico no mundo, o grandioso no pequeno, e, acima de tudo, o nós no eles” (BAK, 2011, p. 2).

Suas narrativas promovem a junção da informação e da fruição. Elas são construídas a partir da interação multidisciplinar entre várias áreas do conhecimento como a Sociologia e a Psicologia (MARTINEZ, 2016).

Narrar as relações complexas da vida exige dos autores do Jornalismo Literário, além da criatividade uma:

[...] atitude ética do profissional de mergulhar na realidade contemporânea para tentar compreender seus mistérios, seus nexos e sentidos e apresentá-los, com seus acertos, suas idiossincrasias, seus paradoxos e suas possibilidades, por meio da apuração criteriosa e redação com estilo (MARTINEZ, 2016, p. 66).

Podemos compreender que as narrativas do Jornalismo Literário são as narrativas da vida inserida em um determinado tempo e espaço. O(a) autor(a) dessas narrativas busca absorver de maneira ética e estética toda a complexidade que tange o existir das vidas observadas, para posteriormente, transmiti-la ao leitor.

Quando registramos a história humana, tanto de um indivíduo quanto do coletivo, eternizamos o efêmero. Esse processo é importante, pois seja “no campo das narrativas ficcionais ou nas não ficcionais, esquecer é morrer. Se a morte ceifa a vida física, o esquecimento mata a simbólica” (MARTINEZ, 2016, p. 108).

As narrativas do Jornalismo Literário possibilitam o encontro com o que é diferente, a “condição atual da humanidade sugere a importância da entrega ao novo, da abertura e da aceitação do outro, da tentativa de se ter uma visão mais compreensiva e abrangente da realidade” (MARTINEZ, 2016, p. 83). Narrar possibilita a troca de experiências (MARTINEZ, 2016), assim, o Jornalismo Literário narra a vida do outro. “Não importa se o outro é um presidente ou um catador de papéis. Importa que é um ser humano, com todas suas idiossincrasias, que são justamente o que torna cada um único e interessante” (MARTINEZ, 2016, p. 419). Afinal, os processos comunicacionais

[...] são construções de vínculos que agregam ou segregam indivíduos. *Agregar* no sentido da interação entre indivíduos vinculados sob o termo “nós” e *segregar* no sentido de que a constituição de “nós” implica na observação de outros grupos denominados “outros”, os que estão fora (MENEZES, 2004, p. 29).

Por meio da empatia somos capazes de sentir com o outro, pois suas experiências fundem-se às nossas. A empatia demonstra que somos “interligados aos nossos

semelhantes, tanto do ponto de vista corporal quanto do ponto de vista emocional” (WAAL, 2010, p. 75).

As narrativas do Jornalismo Literário oferecem um vasto conteúdo sobre os sentimentos e experiências da vida humana. Ao imergir nos sabores e dissabores de determinada narrativa, o leitor pode ser afetado por ela e, posteriormente desenvolver um vínculo com o que foi narrado, assim como com determinado personagem ou até mesmo com o estilo do(a) autor (a).

Para Frans de Waal a “identificação é o gancho que nos atraí e nos leva a assumir a situação, as emoções e o comportamento daqueles de quem somos próximos” (WAAL, 2010, p. 83). Assim, quando me vejo no outro posso ser afetado com maior facilidade/intensidade, gerando uma abertura para a vinculação, como afirma Wall às “pessoas adoram escutar seu próprio eco” (WAAL, 2010, p. 94).

A identidade é construída a partir das relações que são transmitidas em forma textos que nos contam as prosas e poesias de personagens distantes que podem ser mais próximos do que imaginamos. As narrativas do Jornalismo Literário carregam em si o germe humano, ou seja, toda a complexidade que nos inunda, sufoca, alivia e redime.

## **Considerações**

Narrar é transformar caos em cosmos e a experiência antecede toda narrativa. Ler as experiências do outro desencadeia em nós emoções, daí podemos ser afetados. E o afeto que corresponde às afecções que passam por nossos corpos pode se desdobrar (ou não) em vínculos.

Os vínculos são relações, e são elas que geram no indivíduo o sentimento de identidade, de pertença, de estar-com, de comunidade. Por extensão, o Jornalismo Literário encontrado de forma ligeiramente diferente, mas produzido ao redor de todo o mundo, narra vidas em diversas culturas. Suas narrativas são uma miríade do que é demasiado humano, ou seja, de sentimentos como amor, ódio, tristeza, alegria e compaixão, que acompanham a existência de todo ser humano.

A partir das narrativas do outro, o leitor pode ser tocado, afetado, desenvolvendo, a partir daí, o vínculo com a história, personagem, estilo do(a) autor (a) e assim por diante.

Entrar em contato com as narrativas do Jornalismo Literário possibilita encontrar o eu no outro e, como postula Bak, do outro em mim. Nesse sentido, pode-



mos compreender que as narrativas são um método de compreensão dos mundos que nos cercam, sejam os internos quanto os externos. Por fim, podemos dizer que não é apenas Israel, o menino que a jornalista literária brasileira Eliane Brum nos apresenta na epígrafe deste artigo, que possui fome de olhar. O ser humano como um todo, desde sempre, parece ter a necessidade eterna e profunda de se deixar afetar e, assim, vincular, a si mesmo e aos demais.

## Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. *O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

\_\_\_\_\_. Vínculo. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.). *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 458.

BAK, J. S. Introduction. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. (Eds.). *Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences*. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2011. p. 1–20.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia, técnica, arte, política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipelago, 2012.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 1974.

BRUNO, Giordano. *Os vínculos*. São Paulo: Hedra, 2012.

CONTRERA, Malena. Do lado de fora do jardim encantado: comunicação e desencantamento do mundo. *E-compós*, Brasília, v. 12, n. 3, set./dez. 2009. p.1-14. Disponível em: <http://www.ecompos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/view/432/384>. Acesso em: 17 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. Sobre a ponte inexistente. *Ghrebh*. São Paulo, n.1, jun. 2007. p. 3-5. Disponível em: [http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2010/02\\_apresentao.pdf](http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2010/02_apresentao.pdf). Acesso em: 17 mar. 2019.

CYRULNIK, Boris. *Os alimentos do afeto*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

HEIDEMANN, Vanessa. *Processos de vinculação e redes sociais: um estudo sobre três comunidades de astrologia do Facebook*. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.uniso.br/producao-discente/2018/pdf/vanessa-heidemann.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

JUNG, C. G. *Cartas de C. G. Jung: volume II, 1946-1955*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes,

2018.

JUNG, C. G. *Cartas de C. G. Jung: volume II, 1946-1955*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

KAST, V. *Jung e a Psicologia Profunda*. São Paulo: Cultrix, 2019.

MEDINA, C. *Entrevista: o diálogo possível*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, C. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, C. Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social. *Tríade*, v. 2, n. 4, p. 8–22, 2014.

MARTINEZ, Monica; HEIDEMANN, Vanessa; GAPY, Leila. Afeto, comunicação e jornalismo. In: PICHIGUELLI, Isabella; et al. (Org). *Afetos em narrativas*. Alumínio: Jogo de Palavras, 2018. v. 1. p. 316-346. Disponível em: <http://comun>

[icacaoecultura.uniso.br/programa/publicacoes/Ebook\\_afetos\\_em\\_narrativas.pdf?fbclid=IwARoHdEt3dlRwvCXIGJLsqOohxRcvMErKi-3kAPQAqCojsbg-eC2mbf](http://comun)

Blo3Q. Acesso em: 17 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo Literário: tradição e inovação*. Florianópolis: Insular, 2016.

MEDINA, C. *Entrevista: o diálogo possível*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, C. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, C. Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social. *Tríade*, v. 2, n. 4, p. 8–22, 2014.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira; MARTINEZ, Monica. Do Ego para o Eco-sistema: vínculos e afetos na contemporaneidade. *Comunicologia*. Brasília, v. 7, 2014. p. 263-280. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEU>

CB/article/viewFile/5634/3607. Acesso em: 17 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária. In: *Comunicare*, v. 4, n.1, jan./jul. 2004. p. 27-40.

MIKLOS, Jorge; ROCCO, Agnes de Sousa Arruda. Ecologia da comunicação: desafios para a concepção de uma comunicação social cidadã. In: *Paulus*, São Paulo, v. 2, n. 3, 2018. p. 93-110. Disponível em: <http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/>

[revistapaulus/article/view/44/54](http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revistapaulus/article/view/44/54). Acesso em: 17 mar. 2019.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia e sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

\_\_\_\_\_. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RUELLAN, Denis; LE CAM, Florence. *Emotions de journalistes: sel et sens du métier*. Grenoble: Presse Universitaire de Grenoble, 2017.

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VANOOST, Marie. “Reading literary journalism: an explanatory study of reader’s ex-

perience”. In: *IALJS-13 (International Association for Literary Journalism Studies)*, edited by IALJS/Austrian Academy of Sciences. Vienna: IALJS, 2018.

WAAL, Frans de. *A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.